

Pelos discentes da unidade curricular de Arqueologia Industrial do curso de I Ciclo de Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Ao Exm.º Coordenador Executivo do Departamento de História,
Prof. Doutor João Paulo Costa

À Exm.ª Coordenadora Científica do I Ciclo de Arqueologia,
Prof. Doutora Rosa Varela Gomes

22 de Dezembro de 2010

Como discentes da unidade curricular de Arqueologia Industrial, encontramos, por este meio, a expor várias problemáticas que a frequência da referida cadeira acarreta.

Contudo, convém ressaltar a importância e valor que esta unidade curricular representa para os alunos do curso do I Ciclo de Arqueologia da Universidade Nova de Lisboa. Verificamos que esta confere aos alunos desta licenciatura um plano curricular mais competitivo pois proporciona a formação numa cronologia mais abrangente; encontra-se fora do contexto das "arqueologias convencionais", conferindo uma possível nova área de interesse que pode ser desenvolvida no II Ciclo de Arqueologia nesta mesma Faculdade.

Deste modo, e apesar das mais valias da unidade curricular, os seus discentes depararam-se com algumas situações que levaram a que a frequência desta tivesse aspectos negativos a pesar severamente. Segue-se, então, a exposição dos pontos negativos e, em alguns casos, as propostas de resolução que permitam ultrapassar as dificuldades.

A Arqueologia Industrial é uma ciência essencial para o estudo do Homem; e apesar de não querermos de modo algum prescindir do seu leccionamento verificamos que, sendo inovadora, esta possui uma abrangência de conhecimentos muito específica com carácter técnico (ao nível da engenharia, mecânica, e outras ciências não contempladas nesta Faculdade de Ciências Humanas e Sociais) que os alunos, neste nível de formação superior (I Ciclo) não dominam. Assim sendo, sugerimos que esta possua um carácter introdutório ao

invés do carácter de elevada exigência que se verifica actualmente; tal é já visível ao nível de outras unidades curriculares que pressupõem uma área não dominada a pleno pelos seus discentes (com exemplo para *Introdução à Arqueologia Náutica e Subaquática* e *Introdução ao Direito do Património Arqueológico*). Havendo a possibilidade, já referida, de prosseguir estudos na vertente da Arqueologia Industrial no II Ciclo de Arqueologia desta Faculdade, pensamos que esta conversão acarretaria vantagens para os alunos e para a adesão a esta área. Observando o Programa da cadeira (ver em Anexo), pode parecer-nos que este foi estruturado para ser uma introdução à ciência, mas cada parte se desdobra em várias outras e estas não possuem o anunciado nível introdutório.

Outro ponto a abordar é a exigência da cadeira; esta baseia-se no pressuposto do domínio prévio de conhecimento técnico acima referido, sendo difícil conciliar a aprendizagem da matéria complexa leccionada com os conhecimentos que temos que desenvolver nessa componente técnica para conseguir acompanhar as aulas, acabando por ser-se penalizado nas demais unidades curriculares que cada discente frequenta pela desequilibrada gestão de tempo de estudo. A matéria leccionada pode atingir níveis extremamente complexos, continuando a sua compreensão a ser exigida com os mesmos critérios que as temáticas mais acessíveis são. Assim, a referida complexidade e densidade da matéria vão, obviamente, reflectir-se ao nível dos resultados das avaliações da unidade curricular.

Neste âmbito convém ainda referir-se a problemática das aulas práticas; estas acabam por estar concentradas numa fase mais final do semestre, coincidindo com um período delicado de avaliações para as restantes unidades curriculares frequentadas pelos discentes. Estas são ainda programadas para a sua ocorrência no horário de aula (das 12h às 16h), não havendo contemplação para deslocação (há, no máximo, uma tolerância de vinte minutos para chegar ao local); isto leva a que se tenha que faltar à parte final da aula anterior que os discentes têm e chegar atrasados à aula seguinte do horário.

Relativamente aos critérios de avaliação há ainda dúvidas; sendo elas apresentadas na primeira aula do semestre como 50% de ponderação para a frequência presencial escrita e 50% para o trabalho, é também exigido aos alunos a sua organização em grupos de trabalho para a realização de algumas tarefas (análise de informação para apresentação em aula; pesquisa de informações sobre os locais a visitar e sua apresentação nas mesmas). A

legitimidade desta situação é questionada, mas, compreenda-se, não verificamos estes elementos como negativos, mas antes que os mesmos deveriam ser contemplados nos critérios de avaliação da cadeira.

O grau de exigência das avaliações é por nós considerado excessivo, uma vez que se baseia nos pressupostos já anteriormente criticados e referenciados: matéria com carácter muito técnico a certos pontos, muito complexa e o carácter da própria unidade curricular parecer ter saltado o nível introdutório. Envia-se em anexo a frequência realizada neste ano lectivo 2010/2011 para análise; essa foi programada para ser realizada em duas horas o que é totalmente inviável pelo número de questões (com particular destaque para as questões de desenvolvimento), tal como pela complexidade das mesmas; a consulta toma-se um elemento essencial devido à quantidade de informação, mas até esta se torna incipiente face à questão tempo-exigência.

Convém, por fim, salientar que os resultados da avaliação presencial escrita assustam particularmente os discentes devido à conjugação de todos os elementos acima descritos. Tendo os alunos protestado para o tempo limite de duas horas, o docente consentiu que esta se realizasse em três horas; contudo, este tempo revelou-se ainda assim insuficiente, o que coloca em causa a estrutura da frequência de avaliação. Como já foi referido, enviamos o enunciado da frequência em anexo.

Reforçamos, por último, a ideia de que apesar das problemáticas aqui apresentadas e de procurarmos a sua resolução, a cadeira aqui em questão é uma mais valia para os alunos do curso de Arqueologia e que as críticas apresentadas não visam o docente, o Professor Doutor Jorge Custódio, que respeitamos e que continuamente fomenta o interesse dos alunos com o seu entusiasmo e sabedoria.

Agradecemos de antemão a atenção prestada a este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

Os Discentes

Maria de la Soledad Lopez Acosta Leal	N° 10076	Soledad
Sandra Floria Echevarria Vasquez	N° 26188	SE
RITA LOBO dos Santos	N° 29985	R. Lobo
Carolina dos Santos dos Campos	N° 29829	Carolina
Marcelina José dos Almeida Gomes	N° 29816	Marcelina Gomes
Eliete Evangelina Gonçalves	N° 29404	Eliete Gonçalves
Eliete Aníbal Mendes Aguiar	N° 29129	Eliete
Adriana Filipa Santos Bento	N° 28492	Adriana Bento
Maria do Anjo Vasquez dos Anjos	N° 28441	Maria do Anjo
Allypa Yversona Silva	N° 28496	Allypa Silva
Lygia de Jesus Sousa Siqueira Lapa	N° 28208	Lygia
Paula Cruz	N° 28006	Paula
Andri Ricardo Damascio Martins	N° 28650	Andri Martins
Marcia Paula Martins Pereira	N° 28400	Marcia Pereira
João Luiz Belloni Martins	N° 28718	João Martins
Renata Gomes	N° 28826	Renata Gomes
Adriana dos Santos Almeida	N° 28819	Adriana
Délio Ramos Alves	N° 28857	Délio Ramos
Silvia Maria Gonçalves	N° 26811	Silvia Gonçalves
Tiago Costa	N° 28214	Tiago Costa